

A FORMAÇÃO DE UM PROTESTANTISMO LUSÓFONO ATRAVÉS DO ATLÂNTICO: ESQUEMA DE DIFUSÃO

por **François GUICHARD** (CENPA/CNRS, Bordéus)

Intróito

Não se pretende apresentar aqui um verdadeiro artigo, nem aliás um trabalho acabado, mas sim um mero esquema, por isso incompleto e provisório. Foi elaborado no âmbito de uma linha de investigação sobre minorias religiosas, desenvolvida desde há alguns anos no CENPA, e agora estreitamente ligada ao mestrado de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ordenando uma sucessão de acontecimentos no tempo e no espaço, procuramos pôr em evidência certos aspectos da lógica que os ligam uns aos outros, e compreender alguns dos seus laços com o contexto envolvente. Trata-se de tornar mais lisíveis algumas linhas de força de uma história ainda muito pouco conhecida: a da difusão do protestantismo através do mundo de língua portuguesa.

Daí resulta um esboço concebido para ser sobretudo visual. Um dos seus objectivos é contribuir para uma história de fluxos, quer dizer, para uma abordagem dos processos evolutivos dando particular relevo à importância que neles tiveram os movimentos espaciais. Neste caso, com efeito, as idas e vindas através do Oceano, os seus modos, ritmos e trajectórias, não só revelam uma dinâmica própria do fenómeno apresentado, como integram de maneira talvez exemplar as pulsões fundamentais da história lusa e internacional.

Outra vertente deste ensaio é participar no estudo do caso concreto

em análise, em muitos aspectos marginal, mas que, em parte por isso mesmo, não deixa de ser instrutivo para a compreensão do tecido geral em que se insere. Assim se espera proporcionar aos estudiosos e à crítica uma primeira avaliação acerca das potencialidades deste campo de pesquisa, cuja riqueza nos parece ser tripla.

1 — Em primeiro lugar, é sempre fascinante arrotear um terreno que, por não ser totalmente bravia, raramente mereceu um mínimo de atenção por parte da historiografia moderna, que em tantas outras áreas soube impor curiosidade, rigor e isenção. Aqui a escrita é escassa, as fontes são dispersas, a memória é incerta... Mas, sobretudo, na pouca e muitas vezes antiquada matéria documental que encontra neste domínio, o investigador mergulha de maneira quase permanente num ambiente de acérrimo combate ideológico. Sendo este contexto parte integrante do seu objecto de estudo, ele deve interpretá-lo o mais cuidadosa e serenamente possível. Ao mesmo tempo, é-lhe ainda mais indispensável extrair da ganga a objectividade dos factos: a tarefa não é fácil, e o resultado nem sempre é tão perfeito como se espera!

2 — Apesar das dificuldades, parece-nos do maior interesse desenvolver a pesquisa, nesta direcção e noutras paralelas. Há para isso vários motivos, não sendo de desprezar aquele que constitui um esforço para oferecer, ou melhor devolver, a grupos minoritários, um passado que lhes pertence, mas que mal conhecem. Com efeito, não é por serem pouco numerosos que deixam de fazer parte integrante da comunidade nacional. A história é a memória de todos, e cada um tem direito a poder colocar o seu percurso, individual e colectivo, na evolução do povo a que pertence e da terra onde vive.

3 — Outra razão é tentar perceber de que maneira uma sociedade, tão unívoca como o era a portuguesa do ponto de vista das crenças e práticas religiosas ainda nos inícios do século passado, passou a ser hoje em dia tão diversificada em matéria de referência espiritual como qualquer uma das suas congéneres mais setentrionais, inclusive no próprio seio do catolicismo maioritário.

Actualmente, a minoria protestante não é mais do que uma entre muitas. Algumas despertaram mais atenção do que esta, por serem mais antigas, mais coerentes ou mais visíveis. Além do mais o presente caso é o de uma minoria plural, cujos contornos evoluíram e são por vezes incertos, até para muitos dos seus próprios membros. Não pretendemos ter a capacidade, nem a competência, para tratar de todas as minorias

religiosas ou de pensamento; nem sequer do protestantismo lusitano no seu conjunto. Esperamos, isso sim, aliciar outros esforços de investigação para este campo de pesquisa tão complexo. Temos a convicção de que é muitas vezes o estudo das periferias, de toda a natureza (espacial, social, cultural...), que melhor revela — no sentido fotográfico da palavra — os frêmitos da perpétua evolução do centro. Várias pesquisas já o comprovaram, mas em geral viradas para tempos mais remotos. Ora, a mesma perspectiva também deveria ser proveitosa para a época contemporânea. Este breve ensaio talvez consiga despertar a atenção de quem partilhe semelhante ideia.

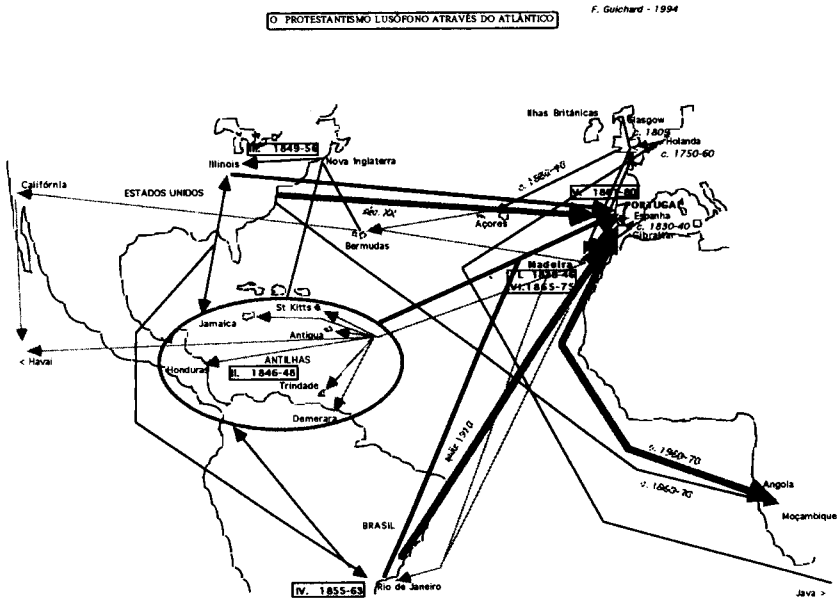
Introdução panorâmica

O protestantismo lusófono resulta de uma implantação tardia (séc. XIX) mas que conseguiu constituir minorias hoje em dia perfeitamente naturalizadas, tanto em Portugal, onde ficaram numericamente modestas, como no Brasil e nas ex-colónias onde são muito mais visíveis. Tal como noutras áreas histórico-culturais construídas com base numa forte tradição católica romana (espanhola, italiana, em parte francesa...), o seu processo de enraizamento participa da diversificação espiritual contemporânea, e por vezes das incertezas e da procura de novas referências religiosas.

As primeiras fases desta implantação revelam uma história comum, feita de idas e vindas através do Atlântico, com pólo inicial fulcral na Madeira. É assim uma história em grande parte marítima, tal como o foi a história lusa. Apareceu ao mesmo tempo nas margens da sociedade portuguesa, e nas periferias do espaço nacional. Apesar disso, é uma história que começou no centro — na encruzilhada — dos fluxos de interligação de Portugal com o resto do mundo. É enfim uma história em grande parte paralela à da emigração portuguesa e da difusão mundial da lusofonia, enquanto espaço criado pela língua como suporte de cultura.

O enraizamento do protestantismo em cada parte desta área linguística naturalmente provocou uma progressiva individualização. Apesar disto, a herança comum deixou marcos sensíveis que ainda não desapareceram por inteiro, nos suportes escritos, mas também nos métodos, nas maneiras de ser. Comuns ainda são muitas vezes os modos de expressão da dinâmica, e os problemas encontrados.

Com a modesta ajuda do nosso computador e tirando o fio do que foi uma história luso-atlântica, vamos tentar pôr em evidência a sua lógica.



O resultado obtido, sendo quase completo, é, por isso mesmo, difícil de interpretar. Para esclarecê-lo um pouco, organizamos a seguir um quadro-resumo cronológico.

FASE O: os alicerces da escrita (desde o séc. XVII)

<i>Índias orientais > Holanda</i>		<i>Portugal > Espanha</i>
	} <i>Inglaterra</i> {	<i>Gibraltar > Espanha</i>
<i>Portugal pombalino</i>		<i>Açores > Portugal</i>



FASE I: a primeira fundação (1838-46)

Escócia > Inglaterra > Madeira



FASE II: a primeira transplantação (1846-48)

Madeira > Antilhas



FASE III: rumo ao Norte (1849-56)

Antilhas > Nova Inglaterra > Illinois



FASE IV: rumo ao Sul (1855-63)

Madeira > Brasil
Inglaterra <-> Brasil <-> Antilhas <-> Illinois
Brasil e Inglaterra <-> Portugal (correspondência Kalley)
América do Norte > Angola
⇓

FASE V: a refundação (1861-80)

Inglaterra
Antilhas, Illinois } Portugal Continental
Brasil
⇓

FASE VI: o regresso às origens (1865-75)

Américas > Continente > Madeira
Brasil > Escócia
⇓

FASE VII: no século XX, continuação da dinâmica atlântica

Inglaterra e Brasil > Portugal (início do século)
EUA > Portugal, Angola e Moçambique (meados do século)
Portugal <-> Angola e Moçambique (anos 1960-1970)

O resultado já é mais lisível no que se refere ao tempo; mas desta vez falta visibilidade à leitura do espaço. Decidimos então decompor o esquema em mapas sucessivos que vão utilizar o mesmo traçado, desta vez simplificado, cada um com um comentário explicativo um pouco mais desenvolvido.

FASE O: os alicerces da escrita (desde o séc. XVII)

Índias orientais > Holanda *Portugal > Espanha*
 } Inglaterra *{ Gibraltar > Espanha*
Portugal pombalino *Açores > Portugal*

a) *João Ferreira de Almeida*, nascido em Mangualde, conversão ao protestantismo em Batávia (1642), tradutor da Bíblia em português a partir do grego e do hebreu (primeira publicação em Amesterdão: Novo Testamento 1681, Antigo Testamento 1743). Reedição em Londres (1809).

b) *Tradução a partir da Vulgata* latina: padre António de Figueiredo (1781-1805), também editada em Londres (1828).

c) *Fundação da Sociedade Bíblica de Londres* (1809) para difusão destas traduções e outra literatura de cariz protestante no mundo ibérico:

— viagem de George Borrow, a partir de 1834 (*autor de “A Bíblia em Espanha”*):

Lisboa > Alentejo > Espanha

— difusão de Gibraltar para Norte (Andaluzia — Madrid), cerca de 1850

— de Inglaterra para os Açores:

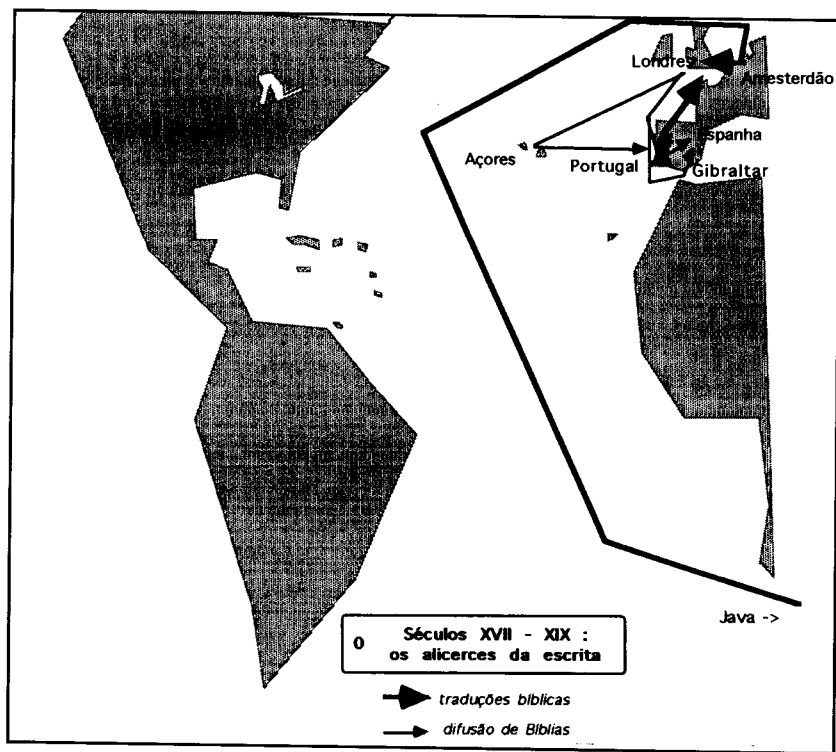
-> artigo favorável de Alexandre Herculano no jornal *Micaelense* (1837)

-> na ilha Terceira (1840: carta do administrador José Silvestre Ribeiro ao cardeal Saraiva, e reacção também positiva).

Tal permeabilidade das margens ibéricas — à literatura, e a seguir aos homens — vai também verificar-se nas décadas seguintes nas duas extremidades dos Pirenéus (País Basco e Navarra por um lado, Catalunha por outro lado), nos portos mais activos da costa mediterrânica (Barcelona) e nas Baleares. As fronteiras ibéricas, internas e externas, não foram obstáculos absolutos. Antes pelo contrário, várias vezes permitiram encontrar refúgio ou procurar reforço, chegando a ter assim uma função estimuladora.

Este esforço de divulgação nunca encontrou grande apoio dentro das comunidades protestantes de língua estrangeira (germânicas e sobretudo inglesas) já instaladas e toleradas em Portugal, ciosas sobretudo de preservar o frágil consenso pouco a pouco obtido no decorrer dos séculos XVII e XVIII, receando que qualquer propaganda religiosa pudesse prejudicar seus interesses.

Maior ainda foi, regra geral, a prudência dos representantes diplomáticos dos ditos países. As próprias sociedades missionárias britânicas de início não tencionavam intervir na Península e seguiram, mais do que acompanharam, os esforços individuais ali desenvolvidos, muitas vezes sem grande entusiasmo.



FASE I: a primeira fundação (1838-46)

Escócia > Inglaterra > Madeira

Foi a origem visível do protestantismo em terras lusas.

Estadia na Madeira do Dr. Kalley, médico-missionário escocês (1838-1846). Impacto considerável através da medicina e do ensino gratuitos, nos meios populares, numa altura de crise local aguda e de indefinição nacional ao sair das guerras miguelistas. Milhares de ouvintes nas suas pregações. Dureza da reacção a partir de 1842-43, motim violento de Agosto de 1846, destruições, agressões, fugas no mato. Navios ingleses procedem à evacuação, clandestina mas tolerada, de 2 a 3 mil pessoas em Setembro-Outubro seguintes.

Como explicar o que aconteceu, quando, na mesma altura, outra tentativa em Lisboa, de origem espanhola, foi muito mais discreta e de projecção bem limitada?

a) pelo contexto

— uma história já antiga: Portugal, a Reforma e o Oceano (Madeira, uma escala internacional com sólida colónia britânica);

— uma história mais recente: o surto missionário do *Despertar* (John Wesley, o impacto da Revolução francesa, o romantismo, o primeiro turismo...);

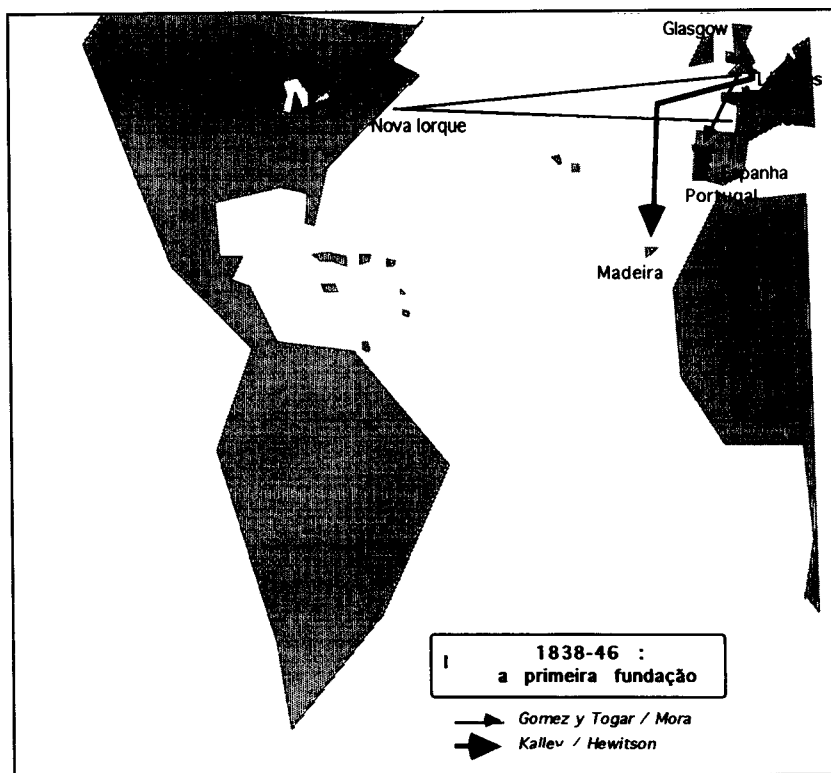
— a situação nacional e local da época (política, religiosa, económica e social).

b) pela acção de um homem excepcional : Robert R. Kalley

— o carácter: uma personalidade forte e independente > uma acção autónoma;

— os métodos: o trabalho social e cultural concreto como alicerce da Palavra, a auto-organização;

— os resultados : forças e fraquezas da espontaneidade.





FASE II: a primeira transplantação (1846-48)

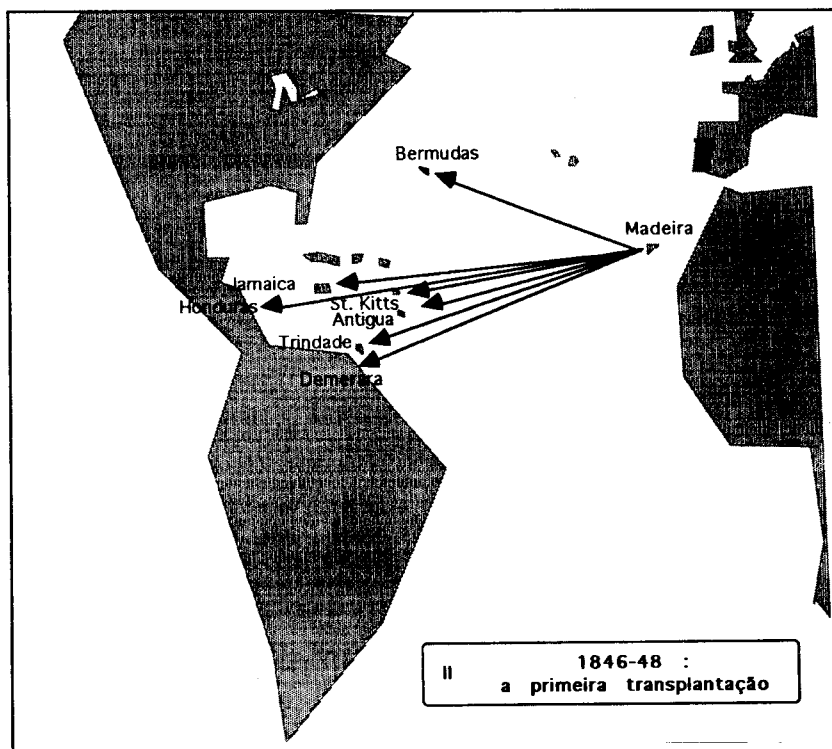
Madeira > Antilhas

Coincide com um grande surto emigratório:

- consecutivo à crise económica na ilha;
- ligado à abolição da escravatura e à consecutiva procura de mão-de-obra nas economias de plantação;
- assim como à generalização da navegação a vapor
- > importância e ambiguidade da atitude inglesa.

Direcções, em duas vagas emigratórias (1846-1847):

- Trindade, Antigua, St-Kitts, Jamaica, Demerara (Guiana britânica).
- Reforços açorianos e até macaenses: Bermudas, Honduras, Havai, Califórnia





FASE III: rumo ao Norte (1849-56)

Antilhas > Nova Inglaterra > Illinois

a) Do Mar das Antilhas para os Estados Unidos

Rapidamente se avolumam problemas para os recém-chegados, nomeadamente de adaptação social e climática. Mas, ao mesmo tempo, aparecem, logo nos primeiros tempos e em várias daquelas ilhas, comunidades eclesiais protestantes de língua portuguesa, ainda incipientes, cujos animadores eram dos mais convictos adeptos de Kalley na Madeira, embora sem formação eclesial.

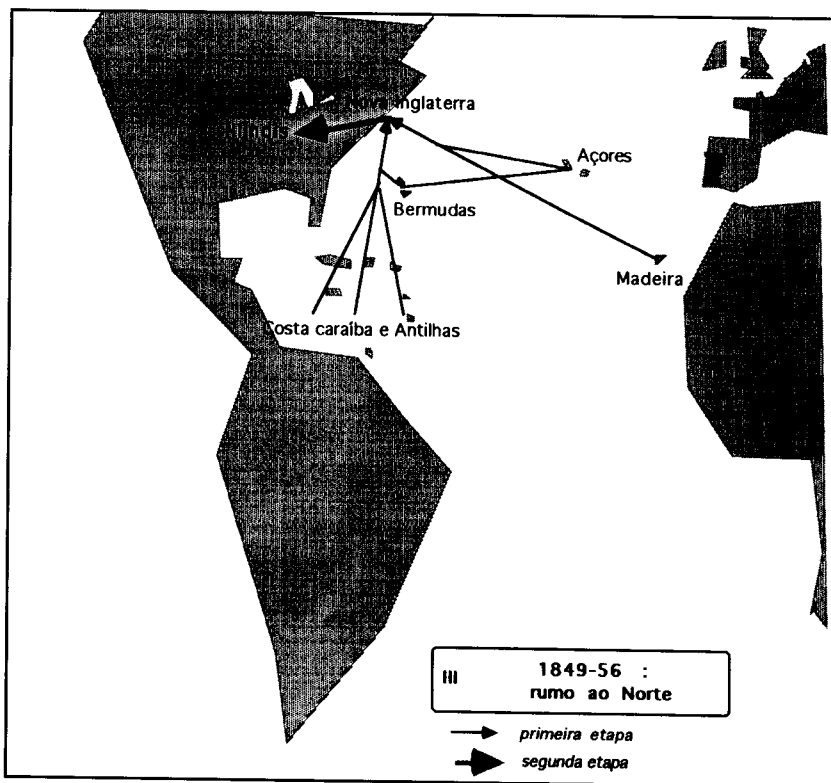
> Uma “Sociedade Protestante Americana”, que já recebe açorianos (pescadores...) na Nova Inglaterra, organiza a transplantação dos madeirenses das Antilhas:

- primeiro para Massachussetts e New Jersey,
- a seguir para Springfield e Jacksonville no Illinois (1849-1855).

b) Terceira vaga migratória com proveniência da Madeira, desta vez directa para ambas estas regiões dos Estados Unidos (1853-1854), provavelmente por motivos mais sócio-económicos. Mas ainda chega gente com Bíblias escondidas e a lembrança viva da repressão na ilha.

c) Organização eclesial na Nova Inglaterra (desde 1853) e no Illinois (1855-1856). Primeiras formações teológicas e novas dispersões, já como pastores: por exemplo David Artur (Madeira > Trindade > Honduras), Arsénio Nicos da Silva (Madeira > Trindade), José Marques (Madeira > Antigua), Martinho José de Sousa (Madeira > St Kitts).

A trajetória mais complexa: Emanuel Nunes Pires (Madeira > Antilhas > estudos de teologia em Princeton > missionário no Brasil (1866) > pastor no Illinois (1869) > Honolulu (desde 1880).



FASE IV: rumo ao Sul (1855-63)

Madeira > Brasil

Inglaterra <-> Brasil <-> Antilhas <-> Illinois

Brasil e Inglaterra <-> Portugal (correspondência Kalley)

América do Norte > Angola

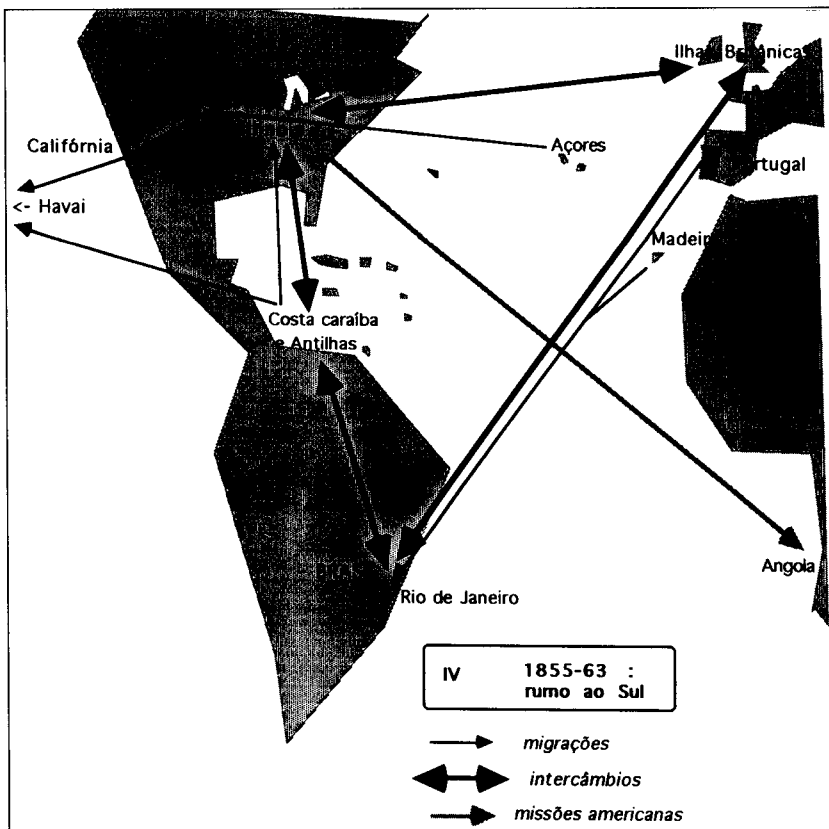
a) *Kalley no Rio de Janeiro* (1855-1876). Fundação da Igreja Evangélica Fluminense, a mais antiga comunidade protestante de língua portuguesa no Brasil, com maioria de imigrantes portugueses (1856). Primeiro convertido brasileiro (1858). Reconhecimento legal (1863). Kalley organiza uma colectânea de *Salmos e Hinos* (primeira edição 1861), actualmente ainda em uso de ambos os lados do Oceano, embora tenha sido várias vezes enriquecida por diversos autores.

b) *Correspondência e visitas regulares* de Kalley e Hewitson — missionário mais “clássico” que a Sociedade Missionária de Londres tinha enviado em 1845 para a Madeira, a fim de ajudar e canalizar as iniciativas do impetuoso médico escocês — à diáspora nas Antilhas e nos Estados Unidos, à Inglaterra e à Escócia, e aos primeiros missionários britânicos em Portugal continental.

c) *Início das missões* protestantes em Angola por norte-americanos que chegam também ao Brasil em 1859 e lá encontram Kalley já a trabalhar, bem como os primeiros discípulos madeirenses que pouco a pouco se formam e passam a ser pastores: João Fernandes Dagama (mais tarde um dos principais organizadores das Igrejas reformadas brasileiras), Carvalhosa (que dirigiu em São Paulo o primeiro centro de formação protestante brasileiro, o *Colégio Americano*, também chamado *Colégio Mackenzie*), Miguel Torres, António Trajano.

d) *Incertezas e conflitos de natureza organizacional*, repetindo os que já tinham acompanhado Kalley na Madeira: a difícil passagem da espontaneidade para a estruturação e do trabalho individual para a construção colectiva.

Aliás o próprio Kalley torna-se mais rígido com a idade e a experiência acumulada, e mais cioso da sua autonomia em relação às estruturas eclesiais instituídas cuja ajuda raramente tinha correspondido aos seus apelos. Embora nunca tivesse deixado de ser membro da sua confissão presbiteriana de origem, orientou-se cada vez mais durante a sua estadia no Brasil para uma prática eclesial de tipo congregacionista (com forte autonomia das comunidades e paróquias locais). Esta tendência deixou marcas profundas e duráveis no protestantismo luso, tanto no Brasil como em Portugal.



FASE V: a refundação (1861-80)

Inglaterra
Antilhas, Illinois } Portugal Continental
Brasil

a) da Inglaterra: Helena Roughton em Lisboa (desde 1861), James (Diogo) Cassels no Porto/Gaia e Robert Stewart em Lisboa (desde 1866), Robert Moreton no Porto (desde 1871), George Robinson em Portalegre (desde 1877), Maxwell Wright > Inglaterra > Porto > nos Açores (desde 1880).

b) dos Estados Unidos e das Antilhas: pastores formados de origem

madeirense, como Henrique Vieira (Madeira > Trindade > formação pastoral > Lisboa).

c) do Brasil, alguns imigrantes convertidos regressam como vendedores e divulgadores ambulantes de Bíblias e de literatura protestante (desde 1862-63). Pouco formados, mas corajosos até à inconsciência: implantação de um protestantismo popular, quando não proletário. Alguns exemplos:

— Manuel Vieira de Sousa, alcunhado de “Reformador Português”, Barcelos > Rio (conversão 1861) > Minho desde 1863. Entre 1864 e a sua morte em 1884, a actividade propagadora valeu-lhe um total de 12 anos de prisão (caso do Bom Jesus de Braga em 1872);

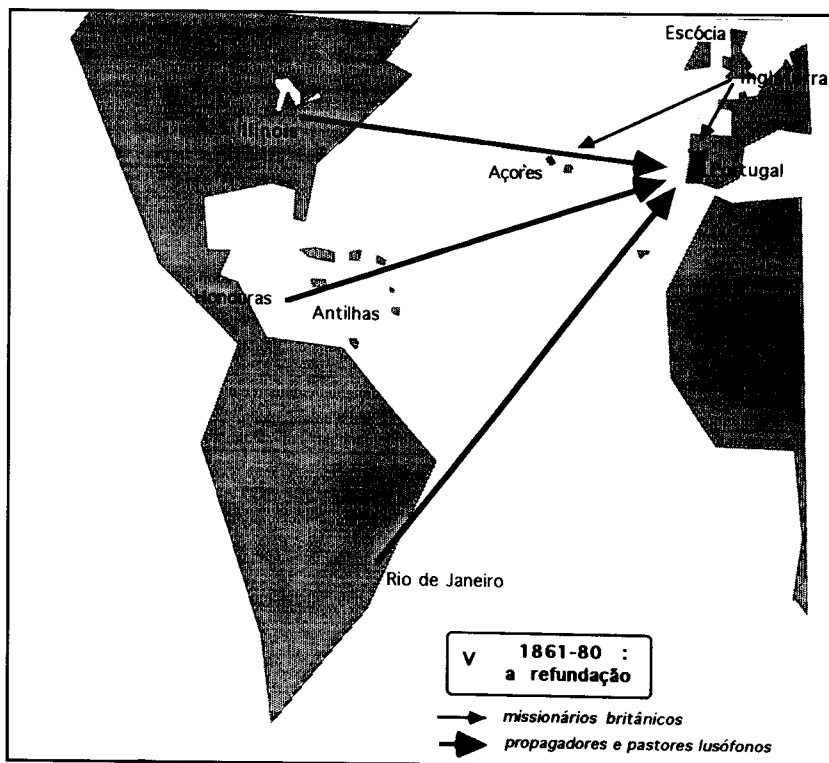
— António Rodrigues da Veiga, carpinteiro naval, Portugal > Rio (conversão 1860) > Portugal desde 1863;

— António de Patrocínio Dias, marinheiro, Portugal > conversão no Rio > Portugal desde 1870.

Mas também partem missionários formados, ex-padres convertidos, como foi o caso de Guilherme Dias da Cunha. Oriundo do Douro, padre no Rio Grande do Sul, convertido por Kalley, ele passou a ser pastor no Porto desde 1875, primeiro como metodista, depois na Igreja lusitana (anglicana), a partir de 1883.

d) Por vezes percursos mais complexos ainda, como Manuel António de Menezes: Madeira > Antilhas > Illinois > formação pastoral > Lisboa (1879-1886) > Brasil (1886 até à sua morte em 1907).

-> Constrói-se progressivamente uma organização eclesial mais sólida no Continente: Igreja metodista no Porto em 1874, Igreja presbiteriana em Lisboa em 1875, Igreja lusitana (anglicana) em Gaia e Lisboa em 1880.



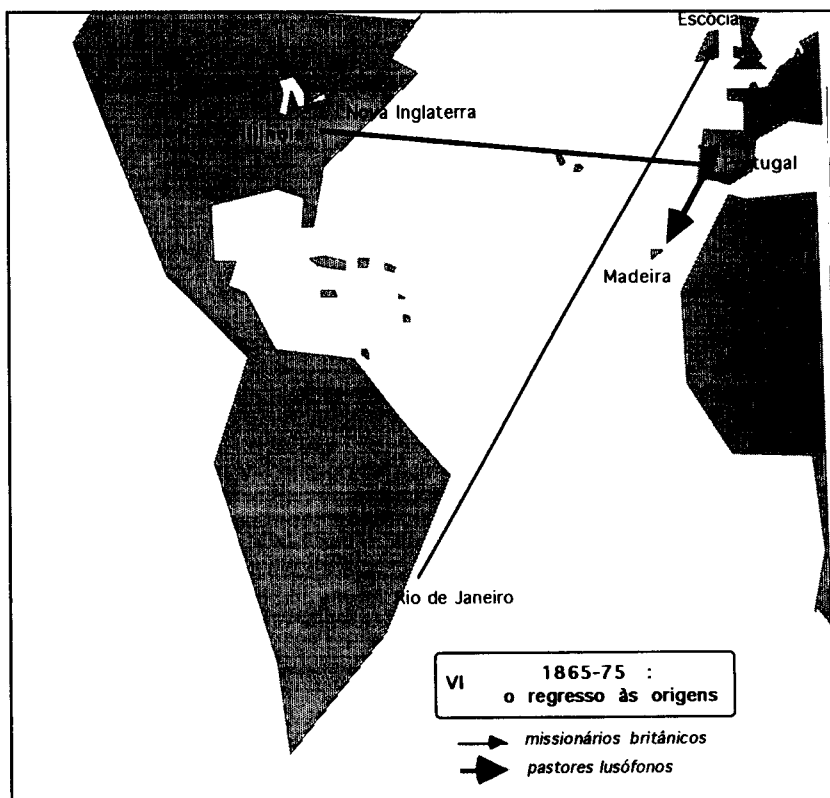
FASE VI : o regresso às origens (1865-75)

Américas > Continente > Madeira
Brasil > Escócia

a) *Primeira etapa, divulgadores bíblicos pouco formados* -> insucesso na altura do regresso à ilha natal (1865-1868). Assim aconteceu com Martinho Vieira e João Ferreira de Freitas : Madeira > Brasil > Portugal > Madeira.

b) *Segunda etapa, mais sólida* -> ancoragem definitiva (a partir de 1875). Caso exemplar de António José de Matos, trajectória perfeita : Madeira > Antilhas > formação pastoral americana > Illinois > Porto (1870) > Lisboa (1871) > Madeira. Foi o primeiro a conseguir por de pé na sua ilha natal uma Igreja protestante organizada e tolerada.

c) *Trajectória pessoal de Kalley* (1809-1888): nascido em Glasgow, de origem protestante, perde a fé durante os estudos de medicina. Converte-se (cerca de 1832-34), inicia estudos de teologia, decide partir para a China. Mas pára na Madeira (1838), por motivos de saúde da esposa, e aqui fica até ser forçado a regressar a Inglaterra em 1846. Faz várias viagens às Antilhas e aos EUA > fixa-se no Rio em 1855. Novas viagens à Inglaterra, EUA e Antilhas > regresso definitivo para a Escócia em 1876.



FASE VII: no século XX, continuação da dinâmica atlântica

Inglaterra e Brasil > Portugal (início do século)
EUA > Portugal, Angola e Moçambique (meados do século)
Portugal <-> Angola e Moçambique (anos 1960-1970)

a) Primeira metade do século

Em 1909-1910 é decidido no Brasil um esforço missionário organizado em direcção a Portugal, a pedido de Lisboa onde as estruturas eclesiais estão novamente em crise (indefinição organizativa, conflitos pessoais, falta de pessoal formado).

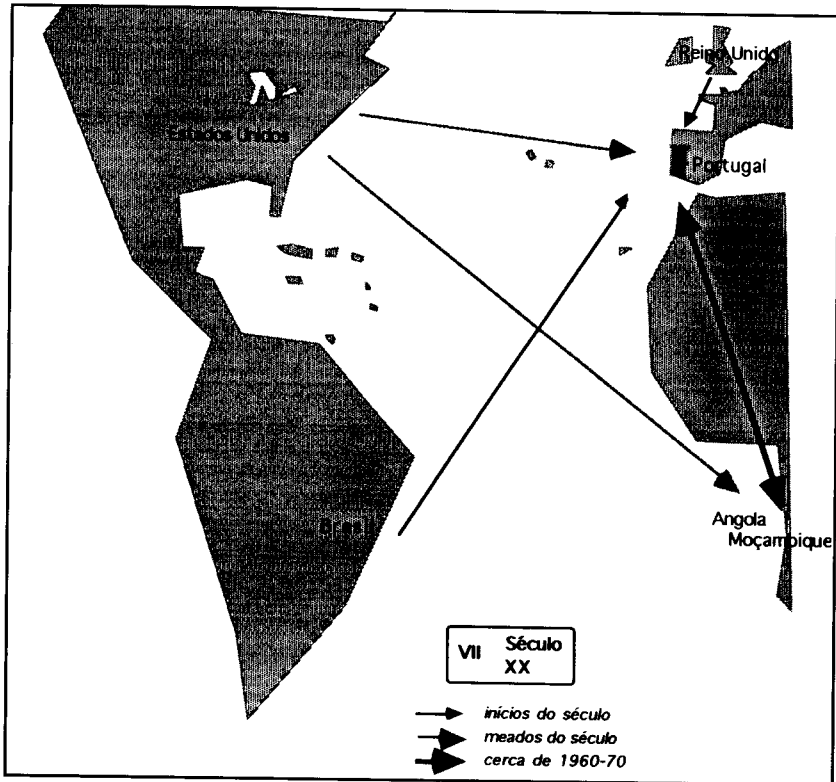
Incidiu sobretudo na região lisboeta e no Sul, com esforço importante de novas denominações, em particular baptistas. A região do Porto, por ter maior presença de Igrejas com filiação inglesa (metodista e lusitana) e por haver uma forte personalidade local da nova geração, Alfredo Henrique da Silva, ficou ao mesmo tempo mais “nacional” e mais estritamente ligada à Inglaterra. Ambos estes laços de dependência foram dominantes na primeira metade do século.

b) Autonomia, internacionalização dos laços e novas tendências

Após a Segunda Guerra Mundial, estas primeiras correntes perdem alguma força, pelo menos no que diz respeito às três Igrejas mais organizadas, que se encaminham para uma autonomia interna maior e para relações europeias mais diversificadas (Holanda, Alemanha...). Em contrapartida, dada a influência decisiva dos Estados Unidos na estruturação actual das mesmas Igrejas, no seu relacionamento com o novo Conselho Ecuménico das Igrejas (Genebra), e mais ainda na preparação pastoral, Portugal passou a ser um pólo de serviço e de preparação não só para si como para as suas colónias africanas (Seminário Teológico de Carcavelos; personalidade de Michael Testa).

A partir daí e durante o tempo das guerras coloniais, cresceu um novo envolvimento directo de Portugal na missão em Angola e Moçambique, com correntes cruzadas e implicações políticas (Seminário de Carcavelos vigiado pela PIDE) > alguns pastores e estudantes africanos aí formados, em parte ou na totalidade, passaram a ser responsáveis activos dos movimentos nacionalistas (Agostinho Neto...).

Mas a dinâmica missionária vinda do Brasil e dos Estados Unidos orienta-se também, sobretudo após o 25 de Abril, em prol de denominações mais recentes, mais espontaneistas e de feição eclesial menos rigorosa, algumas de cariz hoje chamado “carismático” — pouco sensíveis às distinções herdadas da história eclesial cristã —, outras de natureza teológica mais incerta ainda : aliás são frequentemente as mesmas vias que seguiram algumas “seitas” cujas definições já nada têm a ver, nem com o protestantismo, nem com o cristianismo em geral.



Conclusão — Os resultados: uma unidade conceitual e prática

— *pela escrita*: traduções bíblicas, *Salmos e Hinos*, umas e outros ainda em uso, embora revistos;

— *pela maneira de trabalhar*: Palavra *versus* acção social. Foi uma permanência do protestantismo luso nas suas várias terras de actuação;

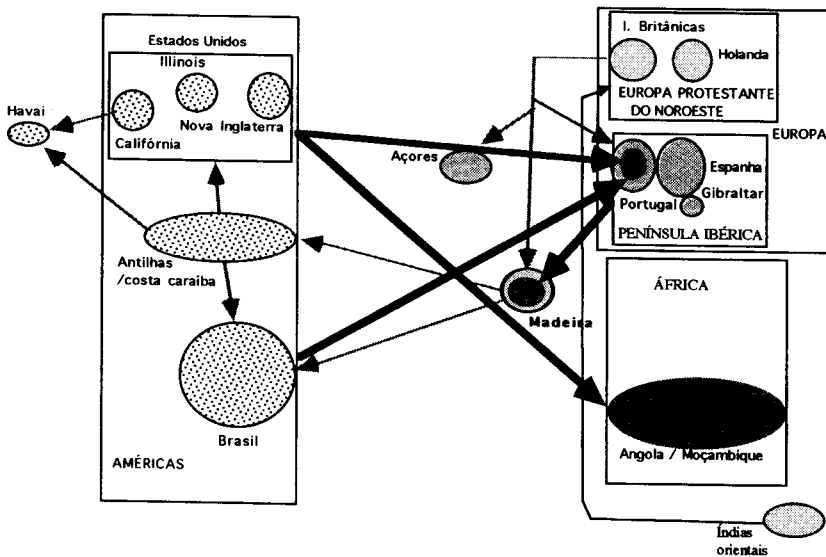
— *pela primazia da iniciativa individual* em relação à colectiva, umas vezes dinamizando-a, outras vezes, pelo contrário, dificultando um enraizamento duradouro;

— *pela instabilidade organizativa e eclesial* que daí resultou, ilustrada pela frequente mudança de denominações.

Em certa medida, não aconteceu o mesmo na vida política? Não será afinal um elemento característico de uma “maneira lusa” de pensar a vida colectiva, mais interessada nas realidades concretas do momento do que na rigidez teórica?

Apesar de ter procurado chegar a um olhar *oceanocêntrico*, o presente esquema peca por privilegiar demasiado a margem portuguesa dos espaços lusófonos, sobre a qual o autor mais especificamente se debruça. Só um esforço colectivo permitirá alargar devidamente o ângulo de visão, quando for possível integrar nele uma percepção muito mais fina das evoluções nos outros países, em particular no Brasil, e mais ainda na África lusófona. Aqui fica a mensagem.

Mapa-síntese



O PROTESTANTISMO LUSÓFONO ATRAVÉS DO ATLÂNTICO

F. GUICHARD - 1994

